

ARTIGOS

JOÃO 1:18: ÚNICO DEUS OU ÚNICO FILHO?

Wilian Cardoso

Estudante do quarto ano do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo,
Campus Engenheiro Coelho
wilians.cardoso@hotmail.com

Resumo: João 1:18 representa um grande e interessante desafio tanto para os tradutores quanto para os exegetas. Em duas importantes traduções este verso é traduzido de modo diferente. Na ARA o termo unigênito é uma referência a Deus, enquanto que na ARC se reporta ao Filho. Isso porque em diferentes manuscritos temos, pelo menos, duas variações significativas. Uma apoiada pelos testemunhos considerados como mais antigos e confiáveis, porém inconsistente dentro do contexto joanino; e outra, elegantemente apropriada à literatura do quarto evangelista, mas sustentada por manuscritos duvidosos e posteriores. Diante dessa controvertida situação qual seria a variante superior e por quê?

Palavras-chave: unigênito; variante; manuscrito; monogenes; theos; huios.

John 1:18: Only God or Only Son?

Abstract: John 1:18 presents a great and interesting challenge for the translator as well as for the exegete. In two important translations of the Bible verse is translated differently. In the ASV the term only begotten is reference to God, while in the KJV it refers to the Son. This is because of different manuscripts where we have, at least, two significant readings. One is supported by testimonies considered as most ancient and reliable, but it is inconsistent with the Johannine context; and the other is found



beautifully in harmony with the literature of the fourth evangelist, but is sustained by dubious and latter manuscripts. In such a controversial situation which variant could be considered as superior and why?

Keywords: Only Begotten; Variant; Manuscript; Monogenes; Theos; Huios.



O ponto culminante e a declaração final do prólogo de João no que diz respeito ao *logos* são encontrados no verso 18: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho [ou, Deus] unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer”. Há, porém, no texto grego deste verso uma interessantíssima e surpreendente variante.¹

A palavra traduzida por *unigênito* (μονογενής) neste verso, aparece nove vezes no NT. Sendo que as cinco vezes que se refere a Cristo são através dos escritos de João (Jo 1:14, 18; 3:16, 18; IJo 4:9). O curioso, e que confunde os críticos e tradutores, é que três vezes μονογενής vem acompanhado da palavra υἱός, uma vez deixa o termo filho subtendido (1:14), e, unicamente em João 1:18, há duas formas adotadas em diferentes mss.: υἱός e θεός.

Embora a frase “Deus unigênito” não é usada em nenhuma outra parte dos escritos joaninos, nem mesmo nas Escrituras, enquanto que “filho unigênito” ocorre mais frequentemente (ver Jo 3:16,18; IJo 4:9), parece então preferível que a variante mais familiar deve ter sido colocada no lugar da forma pouco conhecida, do que o contrário. E de fato, boa parte dos manuscritos tidos como os mais antigos e fidedignos, possuem a variante *Deus* ao invés de *filho*. Se o termo foi originalmente escrito como uma abreviação (*nomina sacra*), a mudança de apenas uma letra faria uma grande diferença (Θ̄C <=> ῩC nos mss. unciais).² Deste modo, se a variante *Deus* for aceita como original, ela faz uma evidente declaração sobre a completa divindade de Cristo, enquanto que o termo *filho* é muitas vezes mais fraco.³

Entretanto existem estudiosos que concordam que a variante preferível deveria ser *filho* ao invés de *Deus*. Consideram que os textos alexandrinos podem ter sofrido influência gnóstica ou corrupção ortodoxa, pois tal construção parece fortalecer a ênfase na divindade de Cristo. Não que Cristo não tenha natureza divina, mas, este esforço por tornar claro o lado divino de Cristo é característica da cosmovisão-

¹ Merrill C. Tenney, *John: the gospel of belief* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1948), 72.

² Ibid.

³ Ibid.



filosófica cristã da escola de Alexandria. Diante disso, o aparato crítico apresenta o seguinte quadro:

(1) {B} μονογενής θεός.

P⁶⁶, N*, B, C*, L, syr^{p, h mg}, geo², Orígenes^{gr}, Dídimo, Cirilo.

(2) ὁ μονογενής θεός.

P⁷⁵, N², 33, cop^{bo}, Clemente, Orígenes^{gr}, Eusébio, Serapião, Basílio, Cirilo.

(3) ὁ μονογενής υἱός.

A, C³, W^{supp}, Δ, Θ, Ψ, f¹, f¹³, 28, 157, 180, 205, 565, 579, 597, 700, 892, 1006, 1010, 1071, 1241, 1243, 1292, 1342, 1424, 1505, Byz [E, F, G, H], Lect, it^{a, aur, b, c, e, f, ff2, 1}, vg, syr^{c, h, pal}, arm, eth, geo¹, slav, Ireneu^{lat}, Clemente, Hipólito, Orígenes^{lat}, Carta de Hi meneo, Alexandre, Eustátio, Eusébio, Serapião, Atanásio, Basílio, Gregório de Nazianzo, Crisóstomo, Theodoro, Cirilo, Proclo, Theodoreto, João de Damasco; Tertuliano, Hegemônio, Victorino de Roma, Ambrosiaster, Hilário, Ps-Priscillian, Ambrósio, Faustino, Gregório de Elvira, Febadio, Jerônimo, Agostinho, Varimadum.

(4) μονογενής υἱός θεοῦ.

it^q, Ireneu^{lat}; Ambrósio.

(5) ὁ μονογενής.

vg^{ms}, Ps-Vigílius.

Embora o aparato apresente cinco variantes, podemos considerar apenas duas formas principais: a que inclui o termo θεός e a que contém a forma υἱός. A segunda variante apresenta, em acréscimo, apenas o artigo diante de μονογενής, portanto podendo ser reduzida apenas a uma ([ὁ] μονογενής θεός). Quanto às duas últimas,



podem ser consideradas improváveis por três motivos: (1) é visível a falta de apoio textual fidedigno em ambas; (2) a quarta forma claramente mostra uma tentativa de harmonização entre as variantes 1 e 2; e (3) a última variante, apesar de ser a mais curta, devido a considerações internas, é pouco confirmada para ser aceita como parte do texto. Pois quem pensaria em formar esta frase sem paralelo acrescentando θεός?⁴

TRADUÇÕES DIVERGENTES

ARA = “Ninguém jamais viu a Deus; o *Deus* unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.”

ARC = “Deus nunca foi visto por alguém. O *Filho* unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer.”

EVIDÊNCIA EXTERNA

Considerando as regras de análise adotadas pela crítica textual, podemos de modo conclusivo afirmar que em relação à primeira variante – [ὁ] μονογενῆς θεός, nós observamos que os testemunhos mais respeitados pela crítica textual do NT, os textos alexandrinos datados do II século, apóiam-na de modo unânime. Os mais importantes testemunhos (P⁶⁶, P⁷⁵, **Σ**, B) também confirmam a variante 1. Os papiros Bodmer P⁶⁶ e P⁷⁵, os quais contêm a cópia mais antiga do livro de João, em ambas a variante adotada lê θεός. Tertuliano (II-III ss.), entretanto, cita este verso apoiando à forma υἱός, enquanto que Clemente (II-III ss.) parece citá-lo de ambas as formas. Assim, uma conclusão parcial de acordo com as evidências externas, parece não deixar dúvidas de que a variante mais próxima ao texto original é [ὁ] μονογενῆς θεός.

⁴ F. F. Bruce, *João: introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1987), 50.



EVIDÊNCIA INTERNA

Primeiramente notamos que a variante *Deus*, de forma clara, é a leitura mais difícil do texto, pois [ὁ] μονογενής θεός, além de ser considerado um *hapax legomenon*, torna o texto de João extremamente difícil; o qual é distinguido pela simplicidade de expressão. Assim, poderíamos supor que o escriba considerando a doutrina de um *Deus unigênito* estranha à primeira vista, seria tentado a harmonizar analogicamente este verso com as passagens de João 3:16, 18 e I João 4:9.⁵ Pois o termo *Filho* seria o que melhor se harmoniza com o estilo escriturístico do autor. E, em relação ao prólogo, a palavra filho – *o filho unigênito* – carrega consigo a ideia de identidade de essência. Entretanto, a variante *monogenes theos* faria maior sentido, pois tem a vantagem de combinar os dois grandes atributos do *logos*, o qual foi previamente indicado (v. 1 θεός, v. 14 μονογενής).⁶ Quanto ao artigo, poderíamos dizer que não há razão por que ele teria sido apagado, porém quando υἱός suplantou θεός certamente teria sido acrescentado.⁷ Por fim, diante de evidências bastante conclusivas, ainda podemos dizer que aparentemente μονογενής θεός parece ser a forma primitiva que explica a origem das demais.

OBSERVAÇÕES

É óbvio diante de evidências (externas e internas) tão claras concluirmos que a leitura adotada neste verso deve ser a favor da variante [ὁ] μονογενής θεός. Porém, apesar de evidências quase que irrefutáveis é curioso e intrigante que a forma [ὁ] μονογενής θεός apareça apenas em mss. Alexandrinos, enquanto que ὁ μονογενής υἱός aparece em cada um dos outros grupos – Ocidental, Cesareense, Bizantino. Inclusive aparecendo mesmo em testemunhos Alexandrinos, porém secundários (e.g., C³, Ψ, 579, 892, 1241, Ath, Alex).⁸

⁵ Russell N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado* (São Paulo: Hagnos, 1982), 1:276.

⁶ B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978), 15.

⁷ Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (Londres: Sociedades Bíblicas Unidas, 1971), 198.

⁸ Bart. Ehrman, *The Orthodox Corruption of Scripture* (Londres: Oxford Press, 1996), 79.



De acordo com o Bart Ehrman “este não é simplesmente um caso de uma variante apoiada por recentes e melhores mss. e a outra apoiada por mss. tardios e inferiores, mas de uma variante achada quase que exclusivamente na tradição Alexandrina e a outra esporadicamente nesta e virtualmente em todas as outras”.⁹

Além disso, sobre os papiros Bodmer, mesmo antes de sua aquisição os críticos já haviam concluído que o grande volume da tradição Alexandrina já confirmara a variante, com testemunhos que a datavam antes do terceiro século. Portanto P⁶⁶ e P⁷⁵ não deveriam ser considerados como a última palavra, pois eles não fizeram nada mais do que confirmar a teoria de que a variante remontava ao II século.¹⁰ Quanto à antiguidade dos mss. Alexandrinos, realmente não podem ser comparados com os mss. que apóiam a forma υἱός. Mas, como observamos anteriormente, Clemente e Tertuliano, os quais escreveram mesmo antes de muitos primitivos mss. existentes, já haviam utilizado a forma *huios*. Ou seja, ambas as variantes são antigas. Porém, isso não demonstra que ὁ μονογενής υἱός é a forma original, mas pode mostrar um erro em aceitar automaticamente a confirmação externa da variante Alexandrina como superior.¹¹

Outro problema em apoiar a forma *theos* é que Jesus só pode ser o *único* Deus somente se não houver outro Deus; mas para João, o Pai é Deus também. Assim, como pode [ὁ] μονογενής θεός, o único Deus, permanecer em tal relação a (um outro) Deus? Diante de tal dificuldade alguns comentaristas modernos sugerem duas possibilidades para a palavra μονογενής: 1) ela é um substantivo, e deve ser pontuada “de modo a fazer três designações distintas daquele que revelou a Deus (μονογενής, θεός, ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς...)”;¹²; e, 2) outros argumentam que μονογενής conota a ideia de “filiação”, para que a palavra υἱός seja entendida mesmo quando não é usada. Pois ela sempre está em explícita união com υἱός, ou quando υἱός é descrito como

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.



μονογενῆς (Lc 9:38, Jo 1:14, Hb 11:17). Assim, o texto Alexandrino ([ὁ] μονογενῆς θεός) deveria ser entendido como “o único Filho o qual é Deus”.

Diante dessas duas possibilidades Ehrman também argumenta, respectivamente, que: 1) a análise de μονογενῆς em forma substantiva pressupõe que o significado natural do texto joanino não foi entendido por um grande número de escribas, os quais a acharam tão peculiar que procuraram mudar seu sentido para o uso joanino mais familiar. Além disso, é verdade que μονογενῆς pode ser usado como substantivo (v. 14); todos os adjetivos podem. Contudo, nunca é usado desta forma quando é imediatamente seguido por outro substantivo que concorda com ele em caso, gênero e número. Na verdade, nenhum leitor grego formularia semelhante construção, e nenhum escritor grego criaria tal inconsistência; e 2) a palavra μονογενῆς significa “único” ou “único do tipo” e deve ser entendida conforme seu significado usado à luz do NT. E em segundo lugar, esse argumento contém as sementes de sua própria refutação, pois se a palavra μονογενῆς é compreendida como “um único filho”, alguém pode se perguntar, então, porque ela normalmente é colocada ao lado de υἱὸς, uma atribuição que cria uma redundância incomum (“o único-filho filho”).¹³

Portanto para Ehrman, bem como outros eruditos, a variante adotada deveria ser υἱός e não θεός, porque, neste verso, não é o caráter dos testemunhos que devem ser examinados. Pois nos primeiros dias em que a variante começou a se estabelecer na tradição Alexandrina, ela é encontrada não somente em mss. gregos, mas também entre uma variedade de escritores alexandrinos, ambos ortodoxos e gnósticos. Logo, a solução para o problema da origem da variante não permanece na controvérsia ortodoxo-gnóstica, mas no conflito de ambos gnósticos e ortodoxos contra os adocionistas. A variante foi criada para apoiar uma alta cristologia diante das difundidas pretensões de que Cristo não foi Deus, mas meramente um homem comum, adotado por Deus. Assim, para o escriba que criou essa variante, Cristo não é simplesmente descrito como o “único Filho”. Ele mesmo é Deus, “o único Deus”, o qual

¹³ Ibid. 81.



é diferente de Deus o Pai, mas é co-igual a Ele. Conseqüentemente, esta variante Alexandrina deriva de um contexto anti-adocionista, e portanto representa uma corrupção ortodoxa.¹⁴

Além disso, o verso concludente do prólogo de João está, obviamente, em relação com todo o prólogo em si. Essencialmente os versos 14-18 estão em relação dialógica com Êxodo 32-34. João vê o Deus do AT, o Deus que apareceu a Moisés e aos outros profetas, não como Deus o Pai, mas como o próprio Cristo – o *logos* pré-encarnado. “Como uma designação de Cristo, ‘Logos’ é usado no prólogo somente em conexão com sua pré-existência.”¹⁵ Uma vez que ele encarna, o termo desaparece e então aparece de “Jesus” ou do “Filho”.¹⁶ Assim, o verso final tem de se encaixar obrigatória e logicamente com o ideal anteriormente proposto pelo autor, justamente o que o termo “Deus unigênito” jamais faria.

CONCLUSÃO

Por fim, diante de argumentos e contra argumentos tão plausíveis de ambos os lados, diante de um debate quase que infundável de hipóteses e suposições, concluímos que apesar de as evidências internas e externas serem plausivelmente exatas, nós podemos observar que nem sempre, como neste caso, uma análise crítica textual seguida pelos corretos processos do estudo do texto pode ser a palavra final para a decisão de uma possível variante. Disto posto, o Dr. Allen Wikgren, o qual participa do comitê textual da UBS-4, afirma que “é duvidoso que o autor tenha escrito $\mu\omicron\upsilon\upsilon\gamma\epsilon\nu\eta\varsigma$ θεός, o que pode ser um erro primitivo de cópia na tradição alexandrina. Deveria ser preferível aqui uma decisão marcada como ‘D’”.¹⁷ Entretanto, a despeito de suas palavras e sua autoridade, mas considerando a harmonia não apenas do texto em si, como também entre as ideias do escritor e entre outros de seus registros, e,

¹⁴ Ibid. 81-82.

¹⁵ Wilson Paroschi, “*Incarnation and Covenant in the Prologue to the Fourth Gospel (John 1:1-18)*”. Tese doutoral (Berrien Springs, MI: Andrews University, 2003), 252-253.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 198.



ainda mais, possíveis corrupções ortodoxas feita pela igreja primitiva a fim de combater ideais heréticos sobre a natureza de Cristo, evidentemente então, poderíamos sugerir uma posição, pelo menos, marcada como “B” em relação à variante ὁ μονογενῆς υἱός.